

O sistema de marcação de Caso nos sintagmas nominais (SNs) em Huni Kuin

Lívia Camargo S. Tavares^o
Maria Fernanda M. Barbosa*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar uma descrição morfossintática do sistema de marcação de Caso na língua Huni Kuin, analisando os sintagmas nominais dentro de uma perspectiva tipológico-funcional.

Palavras-chave: Morfossintaxe; Marcação de caso; Sintagma nominal; Língua Huni Kuin.

Abstract: The aim of this paper is to present a morphosyntactic description of Huni Kuin language, analyzing the system of Case marking in noun phrases within a functional-typological perspective.

Keywords: Morphosyntax; Case marking; Noun phrase; Huni Kuin language.

Introdução

O presente artigo apresenta uma descrição morfossintática da língua dos índios Huni Kuin, delimitando-nos a analisar o sistema de marcação de Caso nos sintagmas nominais. Neste trabalho, trataremos do sistema de marcação de caso dentro de uma perspectiva tipológico-funcional, por meio de uma investigação morfossintática dos sintagmas nominais da língua dos Huni Kuin, buscando compreender as relações entre os referidos sintagmas e as demais categorias, tais como tempo, aspecto e modo verbais (TAM), ordem vocabular, etc., tendo em vista as possíveis repercussões dessas categorias no sistema de marcação de caso.

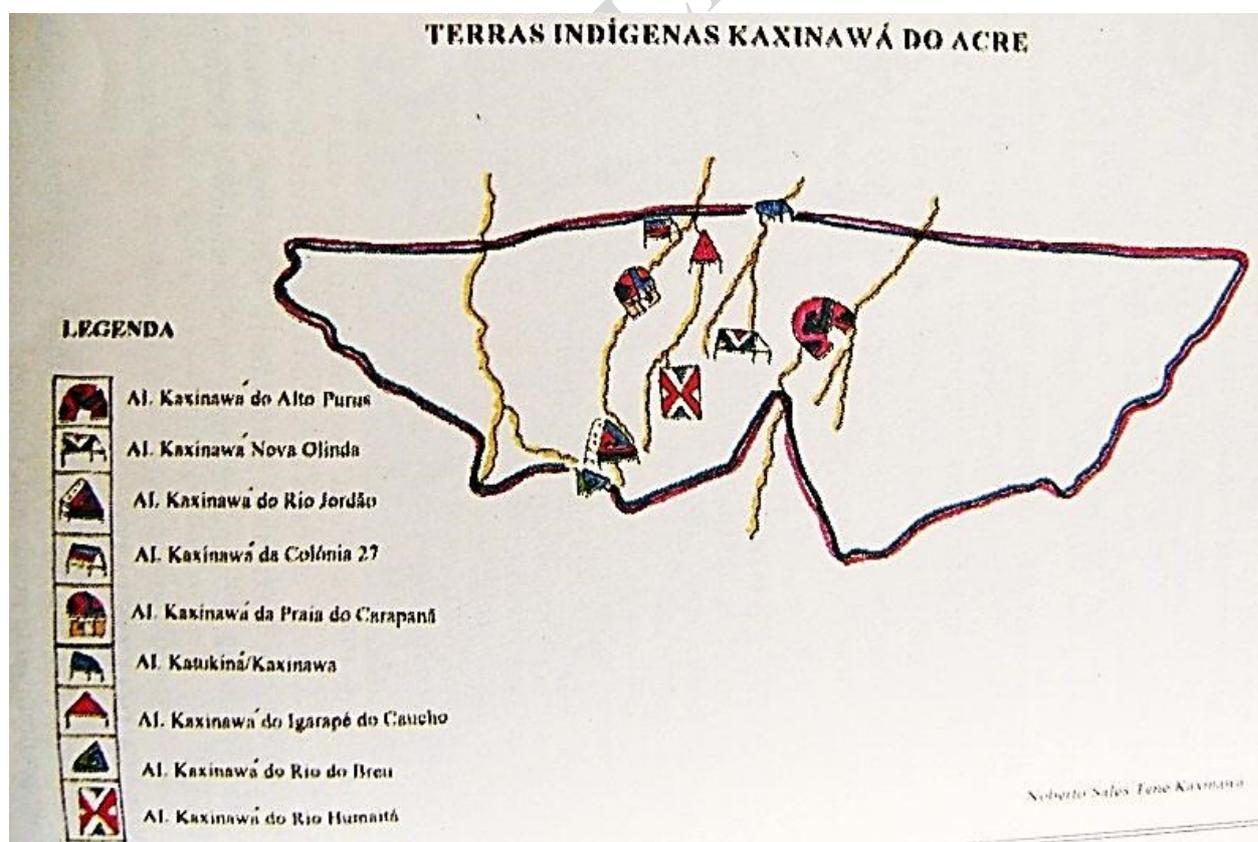
^o Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista da CAPES – liv_tavares@hotmail.com

* Mestre pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) /CNPq – Rio de Janeiro – RJ – Brasil - fernandal36@gmail.com

O texto encontra-se estruturado da seguinte maneira: na seção I, apresentamos uma breve descrição do povo Kaxinawá/Huni Kuin e de sua língua. Na seção II, descrevemos a metodologia empregada para desenvolvimento deste trabalho. Na seção III, expomos a fundamentação teórica adotada em nossa análise. Na seção seguinte, esboçamos uma análise de marcação de Caso nos sintagmas nominais. Por fim, apresentamos as considerações finais.

1. O povo Kaxinawá/Huni Kuin e a hãtxa kuĩ

O povo Kaxinawá, auto-denominado Huni Kuin, habita a Amazônia Ocidental peruana e brasileira. São no total, 4.500 indivíduos, dos quais 3.500 vivem em nove terras indígenas no estado do Acre (CPI/AC, 2004). O mapa a seguir, de autoria do professor Norberto Sales Tene Kaxinawá, em comunicação pessoal, ilustra a distribuição das terras indígenas Kaxinawá no Acre.



A língua dos Huni Kuin, hãtxa kuĩ, pertence à família linguística Pano e é a língua indígena mais falada no estado do Acre. O objetivo do presente trabalho, realizado em parceria com o consultor Fabiano Sales Txanabane Kaxinawa, é descrever o sistema de marcação de caso em sintagmas nominais na língua dos Huni Kuin.

2. Metodologia

Na análise da língua, buscou-se elicitare orações, pois é neste nível sintático que melhor se observam as relações gramaticais e os papéis semânticos. Para tanto, procurou-se utilizar orações afirmativas pragmaticamente neutras, isto é, não dependentes de orações anteriores, e que não apresentassem topicalizações, perguntas ou novos participantes (PAYNE, 1997, p. 71-77). Contudo, o mesmo item lexical e/ou pessoa do discurso foi elicitado nas posições de sujeito, agente, objeto e paciente, a fim de observarmos possíveis diferenças morfossintáticas.

Payne (1997, p. 74) propõe uma distinção tripla para os argumentos, baseada em papéis sintático-semânticos: Agente, Sujeito e Paciente (doravante A, S e P). Assim, prototicamente, argumentos agentivos são os que praticam a ação enquanto os patientivos são os que a sofrem, com mudança de estado. No entanto, semanticamente, A e S são agentivos, visto que a semântica entre S e P aproxima-se devido à mudança de estado. Contudo, pragmaticamente, S e A são tópicos e, por sua vez, S e P aproximam-se porque neles são inseridas as informações novas em sentenças transitivas. Desse modo, o sistema em que A e S têm a mesma morfologia, diferentemente da de P, é conhecido como sistema Nominativo-Acusativo, e consequentemente as línguas desse tipo de sistema são mais afeitas à agentividade e à patientividade. No entanto, o sistema Ergativo-Absolutivo apresenta S e P com morfologia idêntica, diferentemente da de A, e línguas desse sistema são mais afeitas à mudança de estado e à informação nova.

Considerando a interação entre as relações gramaticais e o grande número de papéis temáticos (ou *semantic roles - SRs*) que relata Payne (1997), a análise buscou reconhecer alguns desses papéis temáticos nos argumentos, tais como: *agente* – é normalmente consciente e desencadeador de algum evento (p.ex. Joana cortou o bolo); *experienciador* – participante que recebe impressões sensoriais e emocionais (p.ex. O

Ricardo ouviu a canção); *instrumento* – entidade que é causa intermediária de um evento (p.ex. Alice abriu a porta com a chave); *força* – entidade que inconscientemente inicia os eventos (p.ex. O vento abriu a porta); e *paciente* – entidade que se submete a uma visível mudança concreta de estado (p.ex. Alice comeu o bolo), e perceber se alguma morfologia diferente ou cisão se daria a partir deles. Adicionalmente, conforme as críticas ao hábito eurocêntrico de se classificar constituintes unicamente a partir dos papéis de sujeito e objeto, procuramos perceber se outras características dos SNs, menos “sintáticas” e mais “semânticas e pragmáticas”, poderiam motivar diferenças, tais como: animado ou inanimado, agente ou paciente, definido ou indefinido, alienável ou inalienável (PAYNE, 1997, p. 74). Outras categorias gramaticais foram adjungidas às orações elicitadas, tais como adjetivos, plural, demonstrativos e quantificadores. Desse modo, forma elicitadas orações com sintagmas nominais dos seguintes tipos:

Sentenças transitivas

- com A agente animado;
- com A força inanimada;
- com A experienciador.

Sentenças intransitivas

- com S agente;
- com S experienciador;
- com S paciente;
- com S força (fenômeno da natureza);
- com S estativo.

Como se pode observar, tentou-se cobrir todas as categorias possíveis. Porém, como afirma Chelliah (2001) “é comum nas elicitções esquecermos uma categoria ou construção simplesmente porque o investigador não é consciente da existência dela” (p.156).

3. Perspectiva tipológico-funcional

Neste trabalho, adotou-se a abordagem tipológica-funcional na descrição do sistema de marcação de Caso nos sintagmas nominais em Huni Kuin, baseada nos trabalhos de Dixon (1994), Givón (2001) e Payne (1997).

Para Greenberg (1974), a tipologia é definida como o estudo de padrões linguísticos encontrados no estudo comparativo a fim de propor implicações universais. O autor menciona que à proporção que *forma* (estrutura) e *função* linguística (motivação externa) são confrontadas, chega-se a uma relação de iconicidade, base de uma nova tipologia, ou seja, se estabelece uma relação de forma-função.

Greenberg (1974) afirma que todas as línguas humanas compartilham certas propriedades linguísticas gerais, denominadas de universais linguísticos. Deste modo, Whaley (1997, p.7) menciona que a tipologia linguística preocupa-se com “a classificação de línguas ou componentes de línguas baseada nas características formais compartilhadas”, buscando padrões linguísticos que são comuns a todas as línguas espalhadas pelo mundo.

Greenberg (1974) propõe uma tipologia sintática tomando por base a ordem dos constituintes da sentença. Ao analisar trinta línguas diferentes, o autor postulou uma tipologia baseada na posição relativa do sujeito (S), do verbo (V) e do objeto (O). Assim, Greenberg (1974) apresenta seis possibilidades lógicas de combinação dos constituintes sintáticos dentro da oração, partindo da posição do verbo, constituinte presente em todas as línguas naturais, para formar três tipos dominantes: VSO, SVO e SOV.

Givón (2001, p.201) identifica “três pressões adaptativas potencialmente conflitantes que motivam a marcação de caso gramatical nos argumentos de uma oração” e as considera necessária para a codificação dos papéis semânticos, da função pragmática e da transitividade. Dentre essas exigências que competem entre si, cada língua tende a encontrar seu próprio meio-termo adaptativo viável.

Entende-se que “os três principais sistemas de marcação de caso selecionam um destes três imperativos adaptativo-funcionais como um princípio primário que governa a marcação de caso de sujeitos e objetos” (GIVÓN, 2001, p.197).

Note-se que o primeiro tipo de sistema descrito por Givón é aquele orientado pelo papel semântico de argumentos, denominado sistema ativo-estativo. Neste sistema, a marcação de caso distingue agentes de pacientes nas orações, independente destes se manifestarem como sujeitos, objetos ou oblíquos. Entretanto, o segundo tipo de sistema é aquele orientado pela pragmática, denominado nominativo-acusativo. As línguas que apresentam este sistema diferenciam o sujeito gramatical (Caso nominativo) do objeto

gramatical (Caso acusativo), independente de papéis semânticos e da transitividade dos verbos. E, por fim, o autor descreve o sistema ergativo-absolutivo, que se orienta pela transitividade dos verbos, como sendo “um sistema em que a marcação de Caso codifica a distinção sintática entre orações transitivas e intransitivas” (GIVÓN, 2001, p. 208). Desse modo, entende-se que o sujeito de uma oração transitiva apresenta marcação de caso ergativo, enquanto o objeto de uma oração transitiva e o sujeito de uma oração intransitiva apresentam marcação de caso absoluto. Apesar desse padrão geral, o autor enfatiza a questão de que dada a forte correlação em diversas línguas entre transitividade sintática e semântica, fatores relacionados à semântica, como agentividade, perfectividade, etc., acabam por ter fortes consequências sintáticas no nível oracional.

Givón (2001, p.210) discute uma tipologia linguística motivada por gradientes de transitividade e afirma que “designar uma língua como ergativa-absolutiva não significa que ela apresentará morfologia ergativa-absolutiva em todos os contextos”.

Payne (1997, p.129) define relações gramaticais (GRs) como “relações entre argumentos e predicados em um nível da estrutura linguística que é independente (ou autônomo) de influências semânticas ou pragmáticas”. Segundo o autor, as propriedades formais que identificam mais diretamente as relações gramaticais são marcação de Caso, marcação no verbo referente aos participantes e ordem dos constituintes. Payne (1997) enfatiza a ideia de que uma dada relação gramatical pode expressar diversos papéis semânticos e que, por sua vez, um determinado papel semântico pode ser expresso por relações gramaticais diferentes. Assim, levando em consideração essa interação entre relações gramaticais e papéis semânticos, o autor identifica três papéis semântico-sintáticos básicos, que denomina S, A e P¹. Considerando que há dois tipos de oração prototípica – monoargumentais e multiargumentais – Payne (1997) define S como o argumento nominal de uma oração monoargumental, também denominada intransitiva. Já A é definido como o argumento que mais se aproxima do papel de agente em uma oração multiargumental, ou transitiva. Por fim, P denota o argumento que mais se assemelha ao papel de paciente em uma oração multiargumental.

¹ Os termos Sujeito, Agente e Paciente (doravante S, A, P) serão adotada ao longo do trabalho.

Prototicamente, argumentos agentivos são os que praticam a ação enquanto os pacientivos, aqueles que a sofrem, apresentam mudança de estado.

Na descrição dos dados da hãtxa kuĩ, utilizar-se-á o enfoque teórico descrito por Dixon (1994), Givón (2001) e Payne (1997).

4. Marcação de caso em sintagmas nominais plenos

A língua dos Huni Kuin possui um sistema de marcação de Caso em sintagmas nominais plenos que segue o padrão ergativo-absolutivo, nos termos de Givón. O Caso absoluto, que não recebe marca morfológica foneticamente realizada, é representado por um morfê zero, Ø, enquanto que o caso ergativo é marcado morfológicamente pelos morfemas monossilábicos {-ran} ou {-pan}. Assim, sua realização é condicionada pelas características do SN a que se anexa, ou seja, a base serve de gatilho para {-ran} ou {-pan} em sentenças transitivas. Nesse caso, a sufixação do morfema monossilábico é considerada uma realização alomórfica condicionada que exprime a ergatividade em hãtxa kuĩ. Portanto, adjunge-se a bases nominais, que desempenham a função de A, o sufixo {-ran} para seres que possuem o traço [+humano] ou {-pan} para os seres caracterizados por serem portadores de traço [-humano], como se vê em (1):

(1)

Ãibu-ran	tíwiti-Ø	nawa	indi-fu-ki.
Mulher-ERG	cordão-ABS	homem branco	vender-COMPL-ASS ²

'A mulher vendeu um cordão para o homem branco.'

Livia-ran	fumu-Ø	muf-a-fu-ki
Livia-ERG	pote-ABS	quebrar-TR-COMPL-ASS

² Neste trabalho, a modalidade assertiva é entendida como um subtipo da modalidade epistemológica em que o falante toma a responsabilidade pessoal em relação ao conteúdo da proposição e assinala o seu grau de certeza em relação à verdade ou validação desse conteúdo proposicional.

'Livia quebrou o pote. '

Titi-pan takara-Ø pi-fu-ki.

Gavião-ERG galinha-ABS comer-COMPL-ASS

'O gavião comeu a galinha. '

Isa-pan nawa-Ø a-fu-ki.

Pássaro-ERG ninho-ABS fazer-COMPL-ASS

'O pássaro fez o ninho. '

Nas línguas naturais, os traços fonológicos são utilizados para marcar a presença de um morfema que, de modo geral, sinalizam contrastes lexicais ou gramaticais em um sistema linguístico. Deste modo, entende-se que a língua do povo Kaxinawá apresenta um segundo tipo de marcação de caso ergativo, que se manifesta em nomes terminados em vogais, obedecendo a um condicionamento fonético-fonológico. De modo semelhante, em uma análise actancial do próprio Kaxinawá, Camargo (2005) afirma que a nasalização da última vogal representa a marca pano de ergatividade. Assim, observa-se que a manifestação do Caso marcado ocorre em SNs que portam acentuação oxítona. Assim, a nasal que ocupa a posição de coda silábica é interpretada como um segmento subespecificado para ponto de articulação, realizando-se foneticamente por uma nasalidade adjungida à vogal precedente. Dito de outro modo, em final de palavra, o ponto de articulação de consoante nasal não se sustenta, visto que não há segmento à direita para que a nasal possa se apoiar, como se vê em (2):

(2)

Hu.ni-[N] mani[?]-Ø pi-fu-ki.

Homem-ERG banana-ABS comer-COMPL-ASS

'O homem comeu banana. '

I.nu-[N] yawa[?]-Ø pi-fu-ki.

Onça-ERG catitu-ABS comer-COMPL-ASS

‘A onça comeu o catitu’

Entretanto, o mesmo fenômeno manifesta-se para os sintagmas pronominais a fim de marcar o caso nominativo, como se observa em (3):

(3)

i[N]	baka[ʔ]	mifti-fu-ki.
1S.NOM	peixe	cortar-COMPL-ASS
'Eu cortei o peixe. '		

i[N]	mi-a	mifti-fu-ki.
1S.NOM	2S-ACC	cortar-COMPL-ASS
'Eu cortei você. '		

Neste caso, sustentamos a hipótese de que os vocábulos terminados em sílabas abertas apresentam a posição de coda silábica preenchida por uma oclusiva glotal [ʔ] no nível fonético como ocorre, por exemplo, em [ba'kaʔ] ‘peixe’, [ma'niʔ] ‘banana’, [ya'waʔ] ‘catitu’, [buʔ] ‘cabelo’, [a'waʔ] ‘anta’, [ki'nuʔ] ‘afiado’, [iruma'paʔ] ‘feio’, etc. Assim, no nosso entender, em final absoluto de palavra, a nasalização vocálica serve de gatilho para a marcação do caso ergativo nos SNs e atribui o caso nominativo nos sintagmas pronominais em sentenças transitivas.

Todos os SNs argumentais tratados até aqui apresentam papel temático de agente. O papel temático descrito por Payne (1997, cap7) como *força* – entidade que instiga uma ação de modo inconsciente ou involuntário- comporta-se de forma diferente da descrita acima. Os exemplos em (4) demonstram que o sujeito de uma oração transitiva com papel temático de força não recebe marcação ergativa:

(4)

Niwí	hi-di-a-fu-ki.
Vento	árvore-cair-TR-COMPL-ASS
'O vento derrubou a árvore. '	

Nixi pai ia n̄is-ma-fu-ki.
ayahuasca 1S.ACC visão-CAUS-COMPL-ASS
'Ayahuasca me fez ter miração'

É importante ressaltar que alguns SNs, que cumprem todos os requisitos para receberem a marcação de caso ergativo, não exibem qualquer marcação. No nosso entender, a marcação de ergatividade configura-se em um caso de arcaísmo linguístico. Em outras palavras, a marcação ergativa está caindo em desuso em certos contextos de aplicação, visto que, em algumas sentenças, o consultor indígena apresentou a possibilidade de os SNs receberem ou não a marca de ergatividade, como se observa em (5):

(5)
Yufabu bakifta pima-fu-ki.
Velha criança alimentar-COMPL-ASS
'A velha deu comida para a criança. '

Yawa hunu iumi k̄iu-fu-ki.
Catitu menino morder-COMPL-ASS
'O catitu mordeu o menino. '

Fernanda-(ran) Livia mifti-fu-ki.
Fernanda-(ERG) Livia cortar-COMPL-ASS
'Fernanda cortou a Livia. '

Nas sentenças intransitivas, cujo argumento único tem papel semântico de paciente ou de experienciador, o SN em função sintática de sujeito não leva marca alguma e configura-se com uma marcação absoluta, como apresentado em (6):

(6)
Barãni-Ø t̄japu-fu-ki.

Mamão-ABS podre-COMPL-ASS

'O mamão estragou.'

Hiwi-Ø di-fu-ki.

casa-ABS cair-COMPL-ASS

'A casa caiu.'

ʃafu-Ø hiki-fu-ki.

canoa-ABS virar-COMPL-ASS

'A canoa virou.'

ʃumu-Ø muf-i-fu-ki

pote-ABS quebrar-INTR-COMPL-ASS

'o pote quebrou.'

ʔ txihi-Ø rɪbu-ʃiã-ki.

1S.GEN avô materno-ABS morrer-PST-ASS

'Meu avô (materno) morreu'

Em hãtxa kuĩ, a presença do morfema de marcação de caso ergativo está intimamente relacionada à função sintática de sujeito e ao papel semântico por ele desempenhado em sentenças intransitivas. Desse modo, concordamos com Givón (2001, p.212) ao afirmar que “em algumas línguas ergativas, sujeitos mais agentivos apresentam uma marcação ergativa em orações sintaticamente intransitivas”.

Nas palavras de Dixon (1994), a dupla marcação do sujeito, que se manifesta em verbos intransitivos, é denominada Split-S, ou seja, “S-cindido”, uma vez que (S) se comporta como (A), sendo marcado por {-ran} com verbos estativos. Assim,

o resultado equivale a (S)=(A), indicado por (Sa). No entanto, quando (S) se comporta como (O) não recebe marca e é identificado por um morfe zero. Logo, esta equivalência é indicada por (So).

Os verbos intransitivos, que operam com as categorias nominais, marcam (S) de forma semelhante aos sujeitos (A) de verbos transitivos. Em outras palavras, nas orações predicativas, que apresentam verbos atributivos ou de estado, (S) se comporta como (A) e recebe a marcação de caso ergativo, expresso pelo morfema {-ran}, como se observa em (7):

(7)

Mani-ran hu-fiã-ki.
Banana-ERG chegar-PST-ASS
'A banana ficou madura.' lit. 'A banana chegou ao estado maduro.'

Na-faba-ki n̄i-ran hũdu-a-ki.
DEM.PROX-dia-ASS céu-ERG bonito-PRS-ASS
'Hoje, o céu está bonito.'

Wa ãibu-ran hũdu-a-ki.
DEM.DIST mulher-ERG bonito-PRS-ASS
'aquela mulher é bonita'.

Na awa-ran fua-tjakam-a-ki
DEM.PROX anta-ERG gorda-INTS-PRS-ASS
'Aquela anta é gorda'

Inu-ran k̄ini-ia-ki.
Onça-ERG desenho-PTC-ASS
'A onça é pintada.' lit. 'A onça é desenhada.'

Cabe ressaltar ainda que a marcação de caso ergativo apresenta-se em sintagmas nominais compostos. Neste sentido, quando ocorre uma construção adjetival, responsável por modificar o termo antecedente, somente o constituinte posposto ao nome recebe a marca de ergatividade, como apresentado em (8):

(8)

Wa	ãibu	hũdu-a-ran	bĩni-ia-iki-ki.
	DEM.DIST		mulher bonito-COP-ERG
	esposar-PTCP-EVID ³ -ASS		
	'Aquela mulher bonita vai se casar'.		

Contudo, quando os verbos intransitivos apresentam ausência de marca em sentenças independentes, ou seja, quando são marcados por morfe Ø, (S) se comporta como (O), assumindo a função de (So), como se vê em (9):

(9)

Ni-Ø	tji-mĩnu-fu-ki.
Floresta-ABS	fogo-queimar-COMPL-ASS
'A floresta queimou.' lit. 'A floresta queimou fogo'.	

Mĩjki-Ø	dabi-ki	kãi-fu-ki.
Pedra -ABS	rolar-REFL	ir-COMPL-ASS
'A pedra saiu rolando.' lit. 'A pedra se saiu rolando'.		

Bakĩfta-Ø	nĩ	anu	ina-fu-ki.
Criança-ABS	árvore	LOC	subir-COMPL-ASS
'A criança subiu na árvore'			

³ Neste trabalho, entende-se a modalidade evidencial como sendo aquela em que o falante dá a indicação de como obteve informação sobre a qualidade da proposição.

Desse modo, nas sentenças intransitivas, observa-se que SN em função sintática de sujeito não apresenta marca morfológica alguma e configura-se com uma marcação absoluta, ou seja, não recebe marca morfológica foneticamente realizada, sendo assim representado por um morfe zero, \emptyset , enquanto o Caso ergativo é marcado morfológicamente pelos morfemas monossilábicos {-ran}.

5. Considerações finais

Neste trabalho, realizamos uma descrição do sistema de marcação de Caso na língua Huni Kuin, classificando-o, tipologicamente, por conta da codificação distinta dos argumentos (A) / (Sa), (O) e (So), como um sistema ergativo-absolutivo nos SNs plenos. Assim, constatou-se que o padrão ergativo é marcado morfológicamente pelos sufixos {-ran}, {-pan} e por um segmento nasal que se manifesta foneticamente em sentenças transitivas enquanto o caso absoluto é expresso pela ausência de marca morfológica em sentenças intransitivas.

Sendo assim, uma questão a ser respondida é a seguinte: há alguma relação entre o sufixo {-ran} e os verbos estativos, já que o sufixo em questão expressa agentividade em alto grau?

A fim de explicar a relação entre o referido sufixo e seu valor altamente agentivo, entendemos que ocorre uma cisão de S no sistema ergativo. Esta cisão é determinada em função da ocorrência do sufixo {-ran} com verbos atributivos ou de estado, que tem seu papel temático alterado para (A) quando o comportamento prototípico esperado, para este caso, seria o alinhamento de sujeito ao papel de paciente em sentenças intransitivas. Deste modo, constatamos que a função sintática de sujeito é duplamente marcada em sentenças intransitivas, fazendo com que este sujeito sintático, marcado pelo sufixo {-ran}, se comporte como (A), tornando-se [+agentivo] em orações predicativas com verbos descritivos que ora predicam qualidades, ora atribuem um estado. Contudo, em orações intransitivas com verbos dinâmicos, este sujeito se comporta como (O) e é sinalizado pela ausência de marca morfológica, ou seja, é representado por um morfe zero e marca o caso absoluto.

Os resultados indicam que, conforme Payne (1997) já havia constatado na língua dos Huni Kuin falada em território peruano, o sistema linguístico é misto e apresenta padrão ergativo-absolutivo para os SNs plenos e nominativo-acusativo para os pronomes.

Vale ressaltar ainda a possibilidade de esta língua estar passando por um processo de mudança linguística em direção a uma marcação mais expressiva, exposta em dados que são marcados quantitativamente com um padrão ergativo-absolutivo. Tal possibilidade nos foi suscitada pelo fato de termos encontrado, em certos contextos, determinadas desinências de caso que não tinham presença obrigatória, sofrendo oscilações quanto à frequência de uso e manifestando-se somente entre os índios de faixa etária mais elevada.

No nosso entender, seria necessária uma análise quantitativa para se delimitar a probabilidade de uso para marcação ou ausência de marca ergativa, visto que, em alguns contextos, a frequência de uso esperada seria uma marcação ergativa, no entanto, a frequência observada é a ausência de marca em certas sentenças transitivas. Deste modo, acreditamos que seja possível identificar uma incidência percentual que comprove o uso ou o desuso de {-ran} em alguns SNs que cumprem todos os requisitos para receberem a marcação de caso ergativo, mas não a exibem.

Entendemos que o comportamento linguístico dos informantes reflete regularidades ligadas ao fato de que aderem às normas sociais e/ou culturais de seu respectivo clã ou moiety. Neste sentido, concordamos com GUY (2007, p.111) ao afirmar que “o conceito de identidade como sendo dinâmica, multifacetada e constantemente construída nas interações sociais (Hall, 2001; Silva, 2000) põe em questão a própria noção de representatividade, de modo que, cada vez mais, se reconhece a importância de se definir a amostra a partir do estudo etnográfico, histórico e antropológico das comunidades”. Desse modo, reiteramos a possibilidade de uma análise quantitativa dos dados em questão, a fim de se desvelar tanto a estrutura linguística quanto a estrutura social e/ou cultural subjacente ao fenômeno supracitado.

6. Agradecimentos

À prof. Kristine Stenzel, pelos valiosos comentários, sugestões e sabedoria no estímulo às nossas próprias descobertas durante o curso de Prática de Análise de Dados Linguísticos; e ao consultor Fabiano Sales Txanabane Kaxinawá pela paciência e disponibilidade que teve conosco em compartilhar seu conhecimento linguístico que forneceu suporte empírico para este trabalho.

7. Referências

CAMARGO, E. 2005. Manifestações da ergatividade em Caxinauá (pano). *Liames*, 5, pp. 55-88.

CHELLIAH, S. L. 2001. The role of text collection and elicitation in linguistics fieldwork. In: *Linguistics Fieldwork*, P. Newman, and M. Ratliff (eds.), pp. 149–169. Cambridge University Press.

DIXON, R. W. 1994. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.

GIVÓN, T. 2001. *Syntax: A functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia. John Benjamins Publishing Company. Vol I. pp. 118-167.

GREENBERG, J. *Language typology: a historical and analytic overview*. Mouton: The Hague, 1974.

GUY, G. R. 2007. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola editorial.

PAYNE, T. E. 1997. *Describing Morphosyntax: a guide for field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press.

WHALEY, L. 1997. *Introduction to typology. The unit and diversity of language*. Londres: SAGE.

Abreviaturas empregadas nas glosas:

ABS	absolutivo
ACC	acusativo
AGPAS	agente da passiva

ASS	modalidade assertiva
CAUS	causativo
COMPL	aspecto completivo
COP	copulativo
ERG	ergativo
EVID	modalidade evidencial
FUT	futuro
INT	interrogativo
INTR	intransitivo
INTS	intensificador
LOC	locativo
NEG	negação
NOM	nominativo
PROG	progressivo
PRS	presente
PST	passado
PTCP	particípio
REFL	reflexivo
TOP	tópico
TR	transitivo

Artigo recebido em: 10.03.2012

Artigo aprovado em: 06.07.2012